

## ENSAIO

# UM OLHAR SOBRE CUBA

Ronaldo Entler



**U**m convite para uma viagem à Cuba, no início deste ano, levou-me a ficar mais atento às notícias que chegavam daquele país através da imprensa. O material era farto: baliseiros, médicos e engenheiros com salário de quatro dólares mensais, embargo econômico, e muito choro via satélite.

Chegando em Havana Velha, fiz um primeiro passeio de reconhecimento: olhos arregalados, dinheiro dentro do tênis, segurando firme a bolsa para evitar aqueles incidentes típicos de países em crise. Com minha cara de turista evidente, não tardaram as primeiras abordagens: crianças pedindo balas, homens e mulheres oferecendo charuto e rum a preços especiais, e alguns perso-

nagens que às vezes me acompanhavam pelas ruas contando suas histórias, perguntando das minhas, mas que geralmente saíam sem pedir nada com o mesmo sorriso com que haviam chegado.

Pode-se tomar tudo isso como uma espécie de malandragem que começa a surgir nas ruas em função da crise e da expansão do turismo, mas nitidamente com suas peculiaridades. A simpatia

das pessoas imediatamente quebra qualquer ar de ameaça que se esteja esperando. Não foram poucos os que chegaram pedindo alguma coisa e terminaram convidando-me para uma rodada de rum em suas casas. Também as crianças que se aproximam são saudáveis e muito rapidamente transformam a situação num jogo, divertindo-se com as novidades dos turistas: um penteado diferente, roupas, o idioma etc.

Ainda fiquei esperando ver as famílias atirando-se ao mar, as crianças raquíticas, os assaltantes, e todos os resultados da falência de Cuba, amplamente sugeridos pela mídia eletrônica.

Naturalmente, os problemas existem: prostituição, mendigos que, ao longo de um mês, pude contar nos dedos de uma mão, e drogas que ninguém oferece, mas sabe-se que se pode comprá-las. Enfim, situações que o socialismo também não consegue resolver, que se agravam com o turismo, e que chocam os estrangeiros como se em seus países essas coisas não ocorressem com uma gravidade infinitamente maior.

Cuba é um país pobre. Mas não deixa de ser espantoso ver os noticiários brasileiros sensibilizados com o desabastecimento da geladeira alheia. Quando falo de "pobre", deve-se tomar essa palavra num sentido que talvez já não conheçamos mais: os salários são baixos, não é raro ver casas em condições precárias, a comida subsidiada pelo governo não é suficiente para todo o mês, faltam produtos de primeira necessidade e, ainda assim, tudo isso me parece muito distante da miséria que vejo no Brasil. Vale acrescentar ainda, que nosso salário mínimo não compra mais do que um cubano consegue com sua média de quatro dólares. Existe ainda uma circulação de dólares promovida por uma teia de serviços informais, que garante aos cubanos (em Havana, pelo menos) uma complementação

em seus orçamentos.

Para quem consegue superar o impacto da propaganda estrangeira, Cuba tem alguns modelos a oferecer. O acesso à educação e à saúde são exemplares. A produção artística é estimulada e valorizada, inclusive financeiramente, através de ateliês comunitários, museus e fundos que custeiam, empresariam e divulgam a produção no país e no exterior. Há também em cada município (em geral, menor do que os nossos bairros) as Casas de Cultura com uma participação efetiva da comunidade nos eventos oferecidos, onde crianças e jovens podem iniciar sua formação junto de nomes importantes da arte cubana, e onde delinquentes e deficientes recebem uma complementação de suas terapias. Outras coisas também me chamaram a atenção: não pude ver em Havana nenhuma família com mais de três filhos, isso sem que haja qualquer tipo de imposição por parte do governo. O que ocorre é que qualquer adolescente pode procurar um médico e conseguir anticoncepcionais sem pagar nada. Abortos também são legais e podem ser feitos em hospitais muito bem equipados.

Se prosigo discorrendo sobre as boas surpresas que tive em Cuba, repito, não é porque os problemas não existam, mas sim porque eles já são suficientemente exibidos pela imprensa, e vale a pena olhar para onde as câmaras dificilmente chegam, e apresentar alguns poréns que nem sempre interessam.

No ano passado, milhares de pessoas deixaram Cuba em direção ao sonho que a propaganda americana faz chegar a todo o mundo, inclusive lá. Mas, ainda que me despertasse uma curiosidade particular, não encontrei nenhum balseiro. Nem mais e nem menos satisfeitos, muitos cubanos com quem conversei se deram conta de que os Estados Unidos já não oferecem os privilégios

dos tempos da Guerra Fria aos refugiados do comunismo. Concluíram que existe uma vasta lacuna entre a realidade dos cubanos que enriqueceram nos EUA, naquela época, e a dos que foram direto para a Base de Guantánamo, recolhidos pela marinha norte-americana. Além disso, não são poucos os que reconhecem suas raízes culturais e preferem lutar pela superação da crise no próprio país a disputar os vistos que se oferece para a emigração legalizada. Há os que amam e os que odeiam Fidel Castro, mas quando se trata de discriminar os culpados pela falência de Cuba, o embargo norte-americano e o paternalismo soviético são lembrados consensualmente.

Um dos traços marcantes da cultura cubana é o fato de ter trocado competição por solidariedade. Em geral, quando se pergunta sobre suas dificuldades, falam em sacrifícios pelo crescimento do país, mais do que no desejo de montar seu próprio negócio e enriquecer. Em resposta, o mundo capitalista encara a dignidade e a afetividade do povo cubano mais como um produto de consumo do turismo, do que como um bem humano que merece ser preservado.

Isso pode ser ilustrado com uma outra história de um de meus últimos dias de viagem. Comprando alguns presentes numa barraca de artesanato, mostrei à artesã que o que ela me pedia pelo que havia me interessado era exatamente a quantia que levava em minha carteira. Tentei comovê-la dizendo que, se não fizesse um desconto, não me sobriaria dinheiro para o almoço. Ela pediu licença, espiou alguma coisa dentro de sua casa e voltou: "está resolvido! O almoço já está servido aqui em casa, você paga as peças e vem comer conosco".

Constrangido, agradei a oferta, paguei e deixei Cuba com a certeza de que ainda deveria voltar para aprender mais com essas pessoas.



**É fácil encontrar coisas belas e feias em Cuba. Nitidamente a mídia fez a sua opção. Poucos se preocupam em mostrar o que foi construído. Um dos maiores e mais importantes ateliês de gravura do mundo, que funciona na forma de cooperativa, as escolas, e tantas outras imagens, nem boas e nem más, mas que revelam uma identidade cultural muito marcante. Compreender aquele país se torna um desafio fascinante quando se descobre que há outras coisas para serem vistas.**





**Ronaldo Entler** é fotógrafo, doutorando em Artes Plásticas pela ECA-USP e orientador artístico do Núcleo de Fotografia da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, de São José dos Campos.